

FACEBOOK: INVENÇÃO DE SUBJETIVIDADES DOCENTES COLABORATIVAS

Carmen Brunelli de Moura (UnP)

carmenbm@bol.com.br

Zélia Xavier dos Santos Pegado (UnP)

zeliaxavier67@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Existe um ditado muito antigo que diz: “se não pode com o inimigo, junte-se a ele”. Esta é impressão que alguns professores ainda têm das redes sociais, mas que se faz necessário desmistificar essa crença de que estamos lidando com o inimigo e de que não existe outra saída a não ser ceder às pressões do mundo digital. É preciso ultrapassar a ideia iluminista da educação que constitui seus currículos como uma estrutura rígida, fechada, voltada para o disciplinamento e regulamentação dos eventos educacionais, rotulados por endereços definidos nas relações sociais.

Como apontam algumas pesquisas (GARCIA, 1995; NÓVOA, 2002), o desenvolvimento profissional de professores é um processo que acontece ao longo da vida e não se reduz apenas ao contexto institucional de ensino. Outras governamentalidades, como as redes sociais, se insurgem na racionalidade neoliberal e tem como objetivo propor mudanças substanciais nas práticas docente, pois novas artes de governar o professor, a partir de uma relação ética, são mobilizadas não apenas nas instâncias oficiais¹, mas também naquelas consideradas como alternativas.

É uma nova *geografia da verdade* que emerge contrária à ideia de Estado soberano e órgão único do poder. São os *espaços públicos da educação* (NÓVOA, 2002) que produzem outras discursividades que passam a constituir as subjetividades a partir de novos jogos de verdade. Por isso, é preciso repensar o contexto educacional e suas práticas para propiciar ao aluno, nos cursos de formação de professores, o alcance e desenvolvimento de habilidades necessárias e requeridas pelo século XXI, uma vez que os currículos devem se basear na aprendizagem colaborativa, elemento necessário quando falamos de práticas inovadoras em ambiente virtuais.

A inserção dessas práticas no contexto educacional requer de aluno e professor novas atitudes e novas subjetividades, pois é preciso modificar seus papéis e dar lugar a um trabalho que vai além do “trabalhar em equipe”. Um trabalho compreendido como transformação, que desenvolve sentidos de coletividade, interação, cooperação, comunicação síncrona e assíncrona. Mas, como se dá esse trabalho nas redes sociais quando estas são utilizadas em sala de aula não apenas para criar situações de interação entre alunos, mas também negociação, reflexão, aprendizagem, aplicação de conceitos trabalhos na aula presencial?

As redes sociais estão fazendo com que todos fiquem não apenas mais conectados, mas também estão proporcionando novas práticas de ensino e aprendizagem. É isso que um relatório do New Media Consortium², desenvolvido no final de 2013, aponta que, entre 1 e 2

¹ Corazza (2001) defende que ainda não foi possível “legitimar nem consolidar políticas, currículos, propostas pedagógicas ou discursos ‘alternativos’”. O motivo se deve ao fato de as pessoas terem perdido os limites e o diferencial, que permitiriam distinguir o que é “oficial” do que é “alternativo”. No entanto, estou tratando como oficial as práticas de *desenvolvimento profissional* que são propostas por meio de discursos constituídos legalmente; como alternativo, aquelas práticas denominadas de “pedagogia pública”, ou seja, que não funcionam em uma lógica de oposição, mas na interface com discursos oficiais; as práticas alternativas são constituídas por um hibridismo do discurso oficial e alternativo, uma vez que este ratifica aquele. Ver, também, Fleuri (2001).

² Comunidade internacional constituída por experts em tecnologias educacionais emergentes que possam ter impacto no ensino e aprendizagem.

anos, as mídias sociais vão facilitar o diálogo mais informal entre alunos e destes com o professor e a instituição. Além de apoiar essa troca de histórias e conteúdos, as mídias sociais estarão enfatizando o aprendizado colaborativo assim como o trabalho em grupo, a melhoria da comunicação e execução de projetos, apoiados em práticas mais reais e contextualizadas.

É esse aprendizado colaborativo no qual as pessoas se reúnem em um espaço virtual, com interesses partilhados que se deu a escolha pelo *Facebook*. Esta ferramenta digital já estava presente entre o alunado e percebemos que, se ela facilitava a convivência social, por que não poderia auxiliar no ensino e aprendizagem, uma vez que os alunos tinham acesso a *tablets, smartphones*, computadores dentro e fora da sala de aula. Neste estudo, esta rede social está sendo considerada em uma perspectiva de “educação menor” (DELEUZE, GUATTARI, 1977), compreendida como um espaço no qual são traçadas novas estratégias, singularidades e possibilidades de aprendizagem que não são pensadas na educação maior, compreendida pela discursividade dos documentos oficiais, parâmetros e diretrizes.

Neste contexto de educação, a interação entre alunos e professores se constitui em um paradigma emergente no qual,

O desafio é ultrapassar o ensino livresco e conservador que se restringe a aulas expositivas com a finalidade de reprodução do conhecimento e a pesquisa copiada, restritiva e acrítica, que tem acompanhado o processo pedagógico em todos os níveis. (BEHRENS, 2010, p. 84).

Além disso, deve priorizar o compartilhamento de saberes, opiniões, postagens, críticas sobre conteúdos e atividades desenvolvidas pelos próprios estudantes, oferecendo uma perspectiva de aprendizagem híbrida em que todos aprendem por meio da mescla de tecnologias e ensino presencial. Pensamos que o uso das redes sociais por alunos e professor no ensino superior não deve ser uma imposição, mas uma ferramenta que propicie emancipação, interação, cooperação e viabilize a aproximação entre alunos e alunos, alunos e professores, e entre estes e outras pessoas que compõem o quadro universitário.

Por isso, com o aumento das tecnologias eletrônicas e dispositivos móveis na sala de aula, é preciso repensar a constituição das subjetividades no ensino superior, principalmente, quando o *Facebook* passa a ser utilizado como ferramenta de ensino e aprendizagem. Em vista disso, questiona-se: em que medida as discursividades que perpassam as postagens do *Facebook*, ferramenta utilizada em uma aula no ensino superior, apontam sentidos que inventam subjetividades colaborativas? Como o *Facebook* se constitui em uma educação menor que propicia a constituição de sujeitos mais colaborativos, reflexivos, libertos? Objetivo neste trabalho descrever como se produzem as subjetividades em uma disciplina que utiliza o Facebook como ferramenta de ensino e aprendizagem a partir dos efeitos de sentido produzidos nas práticas discursivas construídas na interação entre alunos e professora.

A partir da concepção de linguagem como prática socialmente construída, buscamos analisar preliminarmente discursos produzidos pelos alunos e professora no *Facebook* durante a disciplina de Linguística I, em um curso de Letras de uma instituição particular de ensino superior. Para isso, utilizamos a perspectiva interpretativista discursiva. Como dispositivos teórico-analíticos dos dados gerados, recorreremos às contribuições foucaultianas, tais como discurso e processos de subjetivação, discussões de Recuero acerca de redes sociais e de Campos com os estudos sobre ambientes colaborativos. Considerando os propósitos deste artigo, inicialmente discutiremos acerca da relação redes sociais e educação e as implicações do *Facebook* na constituição das subjetividades de alunos e professora no contexto acadêmico. Por fim, analisamos as postagens desses sujeitos atinentes ao valor coletivo que adquirem ao contribuírem para a constituição de subjetividades docentes colaborativas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 REDES SOCIAIS

As redes sociais são caracterizadas como a partilha de algo comum, de interesses ou ainda pela similaridade de culturas, histórias entre grupos ou sujeitos e que permitem relacionamentos virtuais. *Twitter, Facebook, Orkut, LinkedIn, Google+* se constituem em ferramentas de onde emergem práticas de interação orientadas para a colaboração e transformação das subjetividades. As redes de relacionamento têm crescido muito, uma vez que a WEB passa a fazer parte da vida das pessoas, principalmente, os jovens, que se utilizam dessas redes para se comunicar, conhecer, informar, fazer trocas.

Recuero (2009) revela que as redes sociais são uma nova forma de acontecer, de produzir, criar, ler e compartilhar conteúdo. Ela afirma que a interação, as relações e os laços sociais são considerados elementos de conexão e esta “interação seria a matéria prima das relações e dos laços sociais” (RECUERO, 2009, p.28). Acrescenta que:

Enquanto os atores representam os nós (ou nodos) da rede em questão, as conexões de uma rede social podem ser percebidas de diversas maneiras. Em termos gerais, as conexões em uma rede social são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores. De certo modo, são as conexões o principal foco do estudo das redes sociais, pois é sua variação que altera as estruturas desses grupos. (RECUERO, 2009, p.28).

A linguagem utilizada na rede indicia os laços sociais entre os usuários, pois não há necessidade de formalidade e as repostas passam a ser diretas, implicando em uma linguagem típica desta ferramenta. A linguagem, inovações discursivas e a contribuição das redes sociais na vida da sociedade são temas que criam um diálogo com as questões enfatizadas neste artigo e que possibilitam a transformação das subjetividades por meio da popularização rápida e massiva, cuja preponderância é interação na construção e troca de informações (CARVALHO; KRAMER 2013). Embora as redes sociais estejam atreladas a um conceito de *Second Life*, onde o usuário pode criar uma imagem representativa de si que esteja longe da realidade, é preciso compreender que as redes propiciam a interação e a transformação dos sujeitos na contemporaneidade.

Como afirma Castells (1999, p.22), na sociedade atual as “redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela.” É dessa transformação que as relações sociais passam a ser constituídas a partir de outros jogos de verdade nos quais a vida se torna mais fragmentada, estimulando um conjunto de oportunidades e de vantagens que exigem novas habilidades e competências. Bauman (2007, p.9) argumenta que na modernidade líquida os “sucessos passados não aumentam necessariamente a probabilidade de vitórias futuras, muito menos as garantem”. É com este pensamento de mudanças que as redes sociais parecem se adequar aos interesses atuais de não conformidade às regras, mas de flexibilidade e prontidão na busca de práticas mais oportunas no contexto educacional.

2.2 REDE SOCIAL FACEBOOK

A rede social *Facebook*, em alguns anos, tem apresentado enorme participação na vida acadêmica da sociedade atual. Fenômeno este, impulsionado pelas facilidades apresentadas pelo site citado e pelo crescimento constante da acessibilidade. Entretanto, há

ainda inúmeros fatores a serem pesquisados acerca da utilização da rede no meio acadêmico, tais como o uso desordenado, viciamento, insegurança de informações, quebra de sigilo, dentre outros problemas. Mas, na atual “Era da informação”, que contribuições a rede social *Facebook* pode oferecer para a formação acadêmica dos jovens e qual sua influência sobre suas subjetividades?

O *Facebook* tem sido utilizado em uma perspectiva transformadora e subjetivadora na sala de aula quando vislumbramos o uso da Internet, das redes sociais, não como uma “salvadora”, mas uma nova maneira de construir saberes, planejar e contextualizar conteúdos e propiciar a alunos e professores um novo olhar para a prática educativa. Segundo Silveira (2008):

[...], a Internet é uma rede em constante evolução. Ela é fundamentalmente inacabada. Suas regras básicas, os protocolos principais, são abertos desenvolvidos colaborativamente. Seus dois elementos estruturantes, (...) foram a reconfiguração constante e a recombinação das tecnologias e dos conteúdos. Na Internet é possível criar não apenas novos conteúdos e formatos, mas, principalmente, é permitido criar novas soluções tecnológicas, desde que se comunique com os protocolos principais da rede. (SILVEIRA, 2008, p. 35).

Nestas redes de compartilhamento, voltadas para o campo educacional, é possível perceber a interação e mediação entre alunos e professores e a complementaridade dos assuntos tratados em sala de aula. Os alunos se veem envolvidos em uma prática colaborativa de aprendizagem, quando o processo de formação torna-se mais crítico, transformador e aberto às mudanças. Nesse espaço de colaboração surgem as multiplicidades que fazem parte da realidade e produzem as subjetivações, as unificações (DELEUZE; GUATTARI, 1977) e onde o projeto de mudanças é coletivo. É nesse espaço que se constitui uma aprendizagem diferenciada, propiciada pelas redes sociais e, como Franco (2012) afirma, elas estão atreladas a:

Um processo de socialização, algum tipo de interação coletiva e social que pressupõe o compartilhamento de informações, conhecimentos, desejos e interesses. Para tanto, variáveis microsociológicas, como afetos, simpatias, confiança, sentido de pertencimento, solidariedade, respeito, proatividade, reciprocidade, entre outras, precisam entrar em ação e balizar a relação que pessoas estabelecem entre si e no mundo virtual. (FRANCO, 2012, p. 117).

Tais aspectos socializadores fazem com que o professor esteja atento às mudanças repentinas e rápidas e à necessidade de estar sempre interagindo a fim de que as considerações dos alunos não sejam perdidas de vista durante o ensino. Mas, esta relação do Facebook com a educação vem desde sua criação, quando em fevereiro de 2004, Mark Zuckerberg, junto com seus colegas Dustin Moskovitz, Chris Hughes e Eduardo Saverin, desenvolveu para a Universidade de Harvard uma tecnologia que depois de 2 meses, expandiu-se para o Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), à Universidade de Boston, ao Boston College e a todas as escolas Ivy League. Em 2005, a rede social foi adicionando mais universidades até chegar em 2012 a maior rede social do mundo.

Por muito tempo, alunos e professores atuavam em ambientes isolados. Atualmente, com a internet, os trabalhos são produzidos de forma colaborativa, interativa e com a participação cada vez maior de alunos, uma vez que a maioria deles utiliza as redes sociais e já há pesquisas apontando para a positividade destes ambientes no contexto educacional e a visível melhora do trabalho acadêmico.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tomando por base o crescimento da rede social, direcionaremos a nossa pesquisa ao campo pedagógico, utilizando como principal área de atuação da pesquisa um grupo criado por uma professora de um curso de Letras, durante a disciplina de Linguística I, no semestre letivo 2013.2, de uma instituição de ensino superior privada da cidade do Natal. A turma, formada por 61 alunos, foi escolhida para a pesquisa por utilizar diretamente a rede social *Facebook* como componente pedagógico, viabilizando o contato interclasse entre os discentes e a docente, através de um grupo de estudos criado diretamente na rede social. No dia da criação do grupo, 15 de agosto de 2013, pela professora, 61 alunos se inscreveram no grupo, 56 alunos visualizaram a página e 4 pessoas curtiram o grupo.

Esta pesquisa se pauta em uma abordagem qualitativa, de cunho interpretativista, na qual o pesquisador tem um conhecimento parcial do objeto de estudo e seu objetivo é produzir informações baseadas na realidade, sem preocupação com a quantificação, mas centrada na compreensão e explicação das relações sociais. Neste caso, nossa tarefa não é baseada na quantidade de alunos, mas nas relações que se desenvolvem entre alunos e professora, no *Facebook*. Quanto à natureza, é uma pesquisa aplicada que objetiva produzir conhecimentos voltados para a aplicação prática. Ou seja, tentar compreender essas relações e oferecer subsídios para o uso sistemático do *Facebook* na sala de aula. Quanto aos objetivos, constitui-se como uma pesquisa exploratória, pois propicia uma maior familiaridade com o problema, envolve levantamento bibliográfico e apresenta-se como estudo de caso, aqui compreendido como o uso do *Facebook* na sala de aula.

O grupo foi criado pela professora de Linguística, dentro de seu próprio Facebook, que elegeu uma aluna como administradora do grupo para inserir os outros alunos na disciplina. Cada aluno do grupo, por questões éticas, embora eles tenham dado permissão para uso do grupo para a pesquisa, não será identificado e sua imagem e seus nomes apagados em cada postagem utilizada neste artigo.

A pesquisa teve início no mês de outubro do ano de 2013, quando já tinha sido transcorrido dois meses de aula da disciplina e o *corpus* envolvia a análise dos enunciados produzidos pelo grupo. Como afirma Carmo:

Procura-se discutir através de reflexões teóricas sobre a utilização dos sites de redes sociais como ferramentas que auxiliem na prática a discussão e a aproximação entre docentes e discentes dentro dos cursos de graduação, entre docentes e discentes dentro do curso, focando especificamente o Facebook como um produto otimizador na relação ensino - aprendizagem, haja vista sua grande aceitação, seu exponencial crescimento no Brasil, suas ferramentas de interação intuitivas e com grau de usabilidade satisfatório e as possibilidades de ao mesmo tempo ampliar as discussões, delimitando e aprofundando as temáticas, através da possibilidade de criação de grupos específicos dentro deste site de rede social. (CARMO, sd).

É em busca das pessoas que fazem os grupos no *Facebook* e têm objetivos e interesses comuns que nos voltamos para analisar o *Facebook* como uma ferramenta dialógica que propicia a aprendizagem colaborativa em sala de aula e novos processos de subjetivação. Os discursos produzidos nesta rede de relacionamento se constituem como práticas que buscam promover autonomia, liberdade, novas subjetividades dos professores em formação a partir de formas diferenciadas de processos de subjetivação. Esses processos produzem tecnologias subjetivantes, que sugerem uma educação permanente e, conseqüentemente, mudanças nos professores e em suas práticas.

Assim, nesses processos, Deleuze (2005) afirma que as subjetividades estão em um contínuo movimento, construídas na relação consigo mesmo e com o outro. Acerca dessa afirmação, Foucault (2000) comenta que:

Pensar antes as intensidades (e mais cedo) do que as qualidades e as quantidades: antes as profundidades do que os comprimentos e as larguras; antes os movimentos de individuação do que as espécies e os gêneros; e mil pequenos sujeitos larvários, mil pequenos eus dissociados, mil passividades e pululações lá onde, ontem, reinava o sujeito soberano. (FOUCAULT, 2000, p. 142-4).

É desse além sujeito soberano que derivam os professores no *Facebook* quando se despem de subjetividades que teimam em prendê-los em certa comunidade sob a justificativa de proteção e aconchego, pois outras subjetividades já estão ao seu dispor. Os processos subjetivadores desconstróem qualquer senso de fixidez, saberes e poderes subjugadores e a pós-modernidade é exemplar nessa desconstrução. Mas, como a noção de subjetividades colaborativas faz repensar as imagens de professor e alunos construídas pelo *Facebook*? Como as subjetividades se constituem nesses processos que se impõem para pensá-las de outra forma?

4 RESULTADOS

À medida que a Internet assume novas funções, é possível perceber a flexibilidade de seu uso. Os espaços formais de ensino e aprendizagem começam a se transformar e a buscar inovações e estratégias para as práticas de sala de aula a fim de garantir ambientes de aprendizagem no qual o conhecimento se constitui a partir da interação entre alunos e professores, com autonomia, criticidade e criatividade.

O *Facebook* se constitui em uma ferramenta de aprendizagem colaborativa que está atrelada à ideia de interação entre os componentes de um grupo e sua transformação. Para Campos et al (2003), essa aprendizagem é [...] uma proposta pedagógica na qual estudantes ajudam-se no processo de aprendizagem, atuando como parceiros entre si e com o professor, com o objetivo de adquirir conhecimento sobre um dado objeto.

É essa interação que se evidencia no grupo de Linguística entre seus membros. Na aula de 17 de outubro de 2013 (Figura 1), o aluno X traz para o grupo informações que complementam a aula da professora. Sua intenção é compartilhar os saberes com os colegas quando afirma: “tudo a ver com a aula de Y”. Fato que é aceito pelo aluno Z que comenta: “muito interessante, X, gostei”. E mais duas alunas “curtiram” a postagem e outros 56 visualizaram.

Figura 1



Essa interação é evidenciada em outra postagem do dia 2 de novembro (figura 2) quando a aluna comenta acerca da aula do dia anterior e acrescenta informações sobre o

conteúdo discutido durante a aula. A professora concorda e instiga os outros alunos a compartilharem e a se posicionarem acerca da postagem da aluna. Ela incentiva com expressões de “muito bem” e “todos concordam com X?”. Ao que outra acrescenta “Sim, é isso mesmo!”

Figura 2



Essa colaboração entre professora e alunos na rede se reflete no que Freire (1998) comenta sobre a construção coletiva do saber:

Constitui-se em um ato coletivo, solidário, uma troca de experiências, em que cada envolvido discute suas idéias e concepções. A dialogicidade constitui-se no princípio fundamental da relação entre educador e educando. O que importa é que os professores e os alunos se assumam epistemologicamente curiosos. (FREIRE, 1998, p. 96).

É essa curiosidade que vai fazer do *Facebook* um espaço que vai além da reprodução de saberes e se amplia para um processo no qual se constroem desafio de ensino e aprendizagem. Diante das seguintes postagens podemos perceber a interação da turma das perguntas da professora através de suas respostas sobre a disciplina de linguística. Percebemos que os alunos põem em prática no grupo tudo o que estudaram em sala de aula com a professora. Através do espaço de aprendizagem digital do *Facebook*, é possível entender a aprendizagem como uma estratégia e valorizar as interações dos estudantes com os colegas em tempo real e a qualquer espaço, porém cabe a professora a leitura cuidadosa de tudo o que os estudantes postam, ou seja, compreender o que o cabe ao estudante o conceito real de linguística.

Nesse contexto, mais uma vez verificamos que o espaço de aprendizagem aplicado ao *Facebook* é um recurso digital, ou seja, é um meio para se aprender na disciplina de Linguística, porque se vale da autonomia do estudante, por exemplo, em participar e envolver-se com as atividades propostas pela professora sabendo que a partir da troca de informações e ideias se constroem conceitos. Conforme postagem a seguir (figura 3), quando um aluno complementa a aula da professora com um vídeo e a professora comenta que não conhecia e orientou que serviria “para fazer uma revisão”

Figura 3

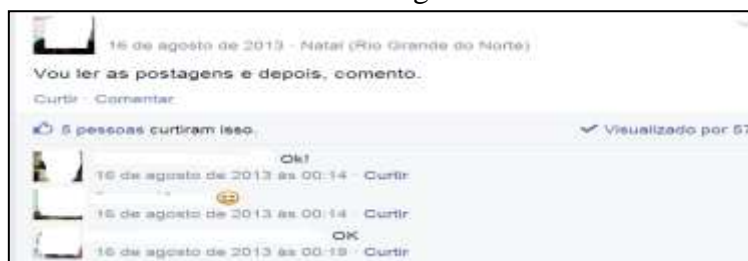


Devido ao *Facebook* ser um recurso digital bastante atrativo aos estudantes de todas as idades, este é o grande motivo de utilizá-lo dentro das escolas e universidades. Além disso,

através de seus aplicativos disponibilizados podemos carregar arquivos que possibilitem, por exemplo, a socialização de trabalhos entre si, com a professora e demais integrantes do grupo. Outro ponto bastante interessante é o fato de o *Facebook* ser de amplo acesso por todos e em qualquer lugar e espaço, assim podendo ser adotado por qualquer professor para sua prática docente. Através da construção de fóruns como os que vamos ver a seguir é possível potencializar a aprendizagem coletiva entre os alunos.

Através do diálogo abaixo (Figura 4), postagem do dia 16 de agosto de 2013, podemos perceber a preocupação dos alunos em responder a professora mesmo que seja com uma curta resposta como fazem os alunos com um simples “ok” ou uma “imagem” em seguida temos um aluno que responde ao questionamento da professora acerca do conceito de linguística.

Figura 4



No artigo de Ferreira, Corrêa e Torres (2012) dizem que:

A utilização do *Facebook* como recurso ou como ambiente virtual de aprendizagem no ensino presencial ou a distância permite que o professor ressignifique a forma de aprender, num contexto mais interativo, participativo traz grande familiaridade com o ambiente do *Facebook*, isso facilita a mediação pedagógica e a interação. Muitas das plataformas de aprendizagem quando utilizada por muito tempo sem atratividade desmotiva a participação e o interesse dos alunos, já a rede social *Facebook*, permite incorporar, personalizar, redimensionar, dinamizar e agregar sentido ao aprendizado, se tornando atrativa, sendo que o estudante sai do papel de receptor passivo passando a ser agente responsável pelo seu aprendizado. (FERREIRA, CORRÊA E TORRES, 2012, p. 8)

Em mais uma postagem do dia 19 de agosto de 2013 (Figura 5), vemos a preocupação de uma aluna que não respondeu ainda ao fórum querendo saber se ainda pode postar sua definição acerca do que é Linguística.

Figura 5



Em seguida, a professora responde dizendo que ela ainda pode postar devido ao espaço no grupo ser bastante democrático onde todos podem dar sua opinião. Isso reforça o que as autoras disseram acerca do *Facebook*, ou seja, “o estudante sai do papel de receptor passivo passando a ser agente responsável pelo seu aprendizado”.

CONCLUSÃO

Neste estudo foi possível evidenciar que o *Facebook* é um site que oportuniza a interação entre alunos e professora e também com o conteúdo da disciplina e outros que complementam a disciplina. Um dos pontos mais relevantes foi perceber a colaboração recíproca entre os alunos, a preocupação demonstrada em ajudar os colegas para que todos fossem bem sucedidos, revelando a constituição de subjetividades sociais evidenciadas na aproximação dos alunos e geração de certa cumplicidade e laços de amizade, muitas vezes, inexistentes no convívio presencial em sala de aula.

Nas práticas propostas no *Facebook* foi possível perceber que a sala de aula no contexto acadêmico é um espaço de construção de conhecimentos, de aprendizagem colaborativa, possibilitadas pela efetivação de procedimentos inovadores. O uso desta rede social no contexto universitário propiciou tanto para alunos quanto para professora o enfrentamento de novos desafios, de outras práticas de liberdade. A sala de aula no *Facebook* desenvolveu novas subjetividades além da autoestima, do relacionamento interpessoal, da colaboração entre todos os alunos participantes deste processo de aprendizagem.

Além disso, evidenciou-se nos enunciados que a professora foi se constituindo em um processo de subjetivação provocado por uma relação mais próxima com os alunos e pela ampliação das relações sociais na sala de aula virtual, proposto na aprendizagem colaborativa entre todos os envolvidos no contexto da disciplina. O *Facebook*, portanto, se constitui em uma rede social de produção de subjetividades que desconstrói currículos prontos e acabados e dá lugar a outro modo de vida no qual se inventam novas relações sociais e subjetividades singulares na sala de aula. Isso evidencia que o *Facebook* se apresenta como uma ferramenta que deve ser utilizada no ensino superior, uma vez que apenas o ensino tradicional e presencial não coadunam com a sociedade pós-moderna em que vivemos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BEHRENS, Marilda A. *O paradigma emergente e a prática pedagógica*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- CAMPOS, F. et al. *Cooperação e aprendizagem on-line*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- CARMO, Juliano Ferreira do. *Apontamentos para a utilização do Facebook como ferramenta acadêmica no curso de jornalismo em multimeios da Universidade do Estado da Bahia*. Disponível em: <http://www.uneb.br/ecovale/files/2013/08/artigo-13.pdf> Acesso em: 28 set. 2013.
- CARVALHO, Nelly; KRAMER, Rita. A linguagem no Facebook. In: SHEPERD, T.; SALIES, Tânia. *Linguística da internet*. São Paulo: Contexto, 2013.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- _____; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FERREIRA, Jacques de Lima, CORRÊA, Barbara Raquel do Prado Gimenez, TORRES, Patrícia Lupion. O uso pedagógico da rede social facebook . In: **Revista Digital da CVA-RICESU**, vol. 7, n. 28, 2012. Disponível em: [file:///C:/Users/Micro%2002/Downloads/199-644-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Micro%2002/Downloads/199-644-1-PB%20(2).pdf) Acesso em: 10 abril 2014.

FOUCAULT, Michel. “Ariadne enforcou-se” in *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamentos*, Col. Ditos e escritos. vol. II. Rio de Janeiro, Forense, 2000, pp. 143-144.

FRANCO, Iara Cordeiro de Melo. Redes sociais e a EAD. In: FREDRIC, Michael Litto; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (Orgs.). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012. v. 2. p. 116-124.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GARCIA, Carlos M. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: NÓVOA, Antônio (Coord.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1995, p. 51-76.

NÓVOA, Antonio. *Formação de professores e trabalho pedagógico*. Lisboa: EDUCA, 2002.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura) Disponível em: <http://www.ichca.ufal.br/graduacao/biblioteconomia/v1/wp-content/uploads/redessociaisnainternetrecuero.pdf> Acesso em: 21 set. 2013

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Convergência digital, diversidade cultural e esfera pública. In: PRETTO, Nelson de Luca; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. (Orgs.) *Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder*. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 31-50.